

Os labirintos de Marx

Entrevista com Michael Heinrich*

BRUNA DELLA TORRE**

Michael Heinrich é cientista político, foi professor na Universidade de Viena, na Universidade de Ciências Aplicadas e na Universidade Livre de Berlim e editor da *PROKLA, Revista de Ciência Social Crítica* entre 1994 e 2014. Heinrich também é colaborador da MEGA2 (*Marx-Engels-Gesamtausgabe*), autor de uma série de livros sobre Marx, incluindo uma introdução aos três volumes de *O capital*, a biografia *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna* e *A ciência do valor*. Sua produção intelectual insere-se na tradição da chamada *Neue Marx-Lektüre*, originada em meados da década de 1960, interessada principalmente na revisão da interpretação historicizante e empirista da análise de Marx de formas econômicas, que remonta a Friedrich Engels. Uma das propostas da *Neue Marx-Lektüre* é pensar o marxismo não apenas como teoria econômica da sociedade capitalista, mas como uma Ciência Social mais ampla.

BRUNA DELLA TORRE: A *Neue Marx-Lektüre* é de certa forma tributária da Teoria Crítica da Sociedade. Como você vê a relação entre essas duas tradições? O que há de novo nessa *Neue Lektüre* e como você se insere nela?

MICHAEL HEINRICH: Em primeiro lugar, gostaria de salientar que, na década de 1960, uma “nova” leitura de Marx surgiu não só na Alemanha, mas

* Contato de Michael Heinrich: m.heinrich@prokla.de.

** Pós-doutoranda no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. Email: bru.dellatorre@gmail.com.

também na França, com as leituras “estruturalistas” de Louis Althusser e de seu círculo, e na Itália com as leituras “operaístas” de Mário Tronti e outros. No caso da “nova leitura” alemã, as obras de Hans-Georg Backhaus e de Helmut Reichelt cumpriram um papel fundamental e eles haviam sido alunos de Adorno em Frankfurt. Talvez tenha vindo de Adorno uma certa ênfase no fetichismo da mercadoria (o que não era uma grande questão para outras tradições do marxismo nesse período) e uma espécie de leitura “sociológica” da teoria do valor em vez de uma leitura puramente econômica. Não devemos, no entanto, superestimar a influência da Teoria Crítica. Nas discussões alemãs dos anos 1970, também cumpriram um papel importante as leituras coladas ao texto do *Sozialistische Studiengruppen* (um círculo em torno de Joachim Bischoff, Christoph Lieber e outros). Elas buscaram mostrar o processo de aprendizado de Marx dos *Grundrisse* até *O capital*; mostraram com quais problemas teóricos Marx teve que lutar em cada texto. Entretanto, deve ser mencionado que, além desses vários ramos de uma “nova leitura” ocidental de Marx, houve algumas tentativas de uma “nova leitura” na Alemanha Oriental. Já na década de 1960, o trabalho de Walter Tuschcheerer a respeito da emergência da teoria do valor de Marx foi um grande passo. Depois do início da MEGA2 na década de 1970, havia, nas publicações que acompanhavam a MEGA2, uma discussão avançada sobre Marx, que era bastante diferente do “marxismo-leninismo” dominante nesse período. Essas discussões, contudo, tiveram uma influência bastante limitada na Alemanha Oriental. No que se refere aos novos aspectos da “nova leitura” (da Alemanha Ocidental), eu posso dizer apenas algumas palavras aqui. A teoria do valor foi reconhecida como uma teoria social (e não somente como teoria sobre relações de troca), o que coloca no centro da análise a “determinação da forma” [*Formbestimmung*] das relações sociais. Nesse sentido, o fetichismo da mercadoria (e não apenas o fetichismo da mercadoria, mas também do dinheiro e do capital) e o que Marx chamou de “formas objetivas do pensamento” [*objektive Gedankenformen*], que é um conceito mais fundamental do que o de ideologia cumpriram um papel fundamental. Além disso, foi enfatizada a diferença entre a dominação pessoal nas sociedades pré-capitalistas e a dominação impessoal nas sociedades capitalistas, o que teve consequências enormes para a natureza específica tanto do domínio de classe capitalista quanto do Estado burguês.

TORRE: Seu livro *Crítica da economia política: uma introdução* infelizmente ainda não foi traduzido para o português. Você poderia falar um pouco sobre ele e comentar qual é, na sua visão, a principal contribuição do livro para o debate marxista?

HEINRICH: Além das traduções para várias línguas, o livro existe também em espanhol e em inglês, então, ele deve estar disponível a muitos leitores brasileiros. Trata-se de uma introdução aos três livros de *O capital*. Ele deverá ajudar os iniciantes a ler *O capital*. Não é, contudo, uma simplificação. Ele se baseia no

meu livro, bastante extenso, *A ciência do valor: a crítica da economia política de Marx entre revolução científica e tradição clássica*, que logo estará disponível em inglês. Uma das questões principais abordadas lá consiste no caráter monetário da teoria do valor de Marx. Eu também abordo essas questões na minha “Introdução”. Para discutir a teoria do valor na “Introdução”, eu utilizo inclusive algum material adicional da MEGA2. Ademais, eu também discuto de maneira crítica os pontos problemáticos na apresentação de Marx, como a sua pressuposição de que uma “mercadoria-dinheiro” sempre deve existir e a sua “lei da tendência da queda da taxa de lucro”, assim como também menciono brevemente algumas controvérsias a respeito da teoria da crise. Para além do âmbito de *O capital*, discuto também a abordagem de Marx em relação ao Estado e ao socialismo/comunismo. Considerando o sucesso da “Introdução” – desde 2004 apareceram 14 edições na Alemanha –, acho que fiz um bom trabalho.

TORRE: Há uma interpretação hegemônica de Marx no campo da economia, corroborada também por alguns marxistas, de que Marx seria um teórico do valor-trabalho ao lado da economia política clássica de Smith e de Ricardo, por exemplo. Você defende que há problemas nessa concepção. Quais são esses problemas?

HEINRICH: Em primeiro lugar, Marx nunca disse que tinha uma “teoria do valor-trabalho”, ele sempre falava em “teoria do valor”. Em segundo lugar, ele desenvolveu uma crítica profunda à teoria clássica do valor. Situar Marx ao lado das teorias clássicas de Smith e Ricardo só é possível de uma perspectiva distante. Essa perspectiva emergiu na economia política poucos anos depois que Marx publicou o volume 1 de *O capital*: tratou-se da assim chamada “revolução marginalista”, que recolocava a “utilidade” – agora como “utilidade marginal” – no centro do pensamento econômico. A partir dessa perspectiva e de sua subestimação do papel do trabalho, a teoria do valor de Marx e a teoria da economia política clássica de fato parecem próximas. No passado, muitos marxistas aceitavam mais ou menos essa perspectiva na medida em que tentavam defender o papel do trabalho e combater as teorias marginalista e neoclássica dominantes. No entanto, dessa perspectiva, as principais questões da teoria do valor parecem ter sido ditas já na primeira seção do primeiro capítulo do volume 1: que o valor é trabalho coagulado. E essa proposição é de fato próxima de Smith e Ricardo. Mas nas próximas três seções do primeiro capítulo, Marx estabelece a diferença decisiva em relação à teoria clássica do valor: o duplo caráter (não do trabalho em geral, mas) do trabalho produtor de mercadorias, a forma valor e (não o dinheiro, isso só alcançamos no capítulo 2, mas) a forma dinheiro, e o fetichismo da mercadoria. Se você ignora essas três primeiras seções ou as lê de maneira incorreta (por exemplo, se você compreende a análise da forma na terceira seção como uma análise histórica abstrata da emergência do dinheiro), então, é claro,

você irá ignorar a diferença categorial profunda existente entre a teoria do valor de Marx e a teoria clássica.

TORRE: Você chama a atenção para a presença das classes sociais em *O capital*, mas ressalta também a importância de se pensar a dominação de classe para além da dominação pessoal e deliberada de um grupo sobre outro. Sua leitura de Marx assenta-se numa defesa de que o marxismo não se reduz “ao ponto de vista dos trabalhadores”, nem a uma teoria das classes. Qual é a importância desse argumento para a análise da sociedade capitalista contemporânea na qual o mundo parece dividir-se cada vez mais entre o 1% dominante e o resto dos 99%?

HEINRICH: Começo pelo fim: a divisão entre o 1% dominante e o resto dos 99% existia também no Império Romano há 2.000 anos. No entanto, a estrutura econômica e política do Império Romano era bastante diferente do capitalismo contemporâneo. Enfatizar a cisão entre o 1% e o 99% está correto, mas isso não fornece nenhuma informação concreta a respeito do funcionamento específico da dominação e da exploração de classe numa determinada sociedade. É crucial compreender que a dominação de classe pré-capitalista (como a escravidão ou a servidão) era baseada na dependência pessoal (o/a escravo/a era propriedade pessoal de seu dono), enquanto o trabalhador assalariado moderno é uma pessoa legalmente “livre”. Ao contrário do escravo, o trabalhador assalariado moderno trabalha sob contrato, o qual pode ser dissolvido por ele ou ela. Devido a essa liberdade pessoal, pensadores liberais argumentam que não há mais um tipo de dominação de classe. Marx argumenta que há uma forma de dominação especial, a “força silenciosa” das relações econômicas. O trabalhador moderno, que não possui meios de produção, é forçado (silenciosamente) a aceitar o contrato de trabalho, pois é a única possibilidade (legal) que tem para sobreviver. A teoria das classes é importante, mas o conceito de classe e de dominação de classe no capitalismo é muito diferente daqueles das sociedades pré-capitalistas. Com relação ao “ponto de vista da classe trabalhadora”, primeiro temos que nos perguntar o que isso significa. O ponto de vista imediato e espontâneo? Tal ponto de vista é analisado por Marx no fim do volume 3 no capítulo sobre a “fórmula trinitária”: há três fatores de produção (trabalho, capital e terra) e cada um recebe uma renda de acordo com a sua contribuição ao produto. A queixa generalizada a respeito de salários “injustos” remete a esse ponto de vista: os trabalhadores recebem salários mais baixos do que merecem de acordo com o seu trabalho. Tal ponto de vista (espontâneo) está enraizado no sistema capitalista. Ele é um objeto de análise crítica, mas não um ponto de partida para a compreensão do sistema capitalista. Ou seria o “ponto de vista da classe trabalhadora” aquilo que um determinado partido político define como esse ponto de vista, de acordo com sua própria análise dos interesses “objetivos” da classe trabalhadora? Então esse ponto de vista é só um instrumento para a justificação da política do partido.

TORRE: Você defende que, com a exceção das “Teses contra Feuerbach”, rabiscadas num bloco de notas, não há no restante da obra de Marx nenhuma tensão entre a interpretação e a transformação da realidade. Você poderia comentar isso considerando a disputa constante entre teoria e práxis no interior do marxismo?

HEINRICH: Em nenhum outro lugar da obra de Marx pode-se encontrar formulação similar à da 11ª tese sobre Feuerbach. Olhando para a vida e a obra de Marx depois dessas “Teses”, podemos encontrar muita “interpretação” com o objetivo de “transformar” o mundo. Quando Marx escreveu rapidamente essas teses num caderno, ele estava no meio de uma virada intelectual. Já na *Sagrada Família*, escrita em 1844, mas publicada apenas em 1845, Marx havia criticado duramente seu antigo amigo Bruno Bauer, mas ainda apreciava o trabalho de Ludwig Feuerbach; inclusive, ele enxergava em Feuerbach um aliado intelectual contra Bauer e os assim chamados jovens hegelianos. Provavelmente como consequência da leitura do livro de Stirner sobre *O único* no final de 1844 ou início de 1845, Marx começou a reconhecer os pontos fracos de Feuerbach. Como consequência, Marx teve que desenvolver não apenas uma crítica a Feuerbach, mas também teve que aprofundar sua crítica aos assim chamados jovens hegelianos e articular essa crítica de forma independente de Feuerbach. As “Teses sobre Feuerbach” são um rascunho muito enxuto se se considera esse processo de crítica complicado e composto por diversos níveis. Depois de sua publicação alguns anos após a morte de Marx, a recepção das “Teses” ignorou quase que completamente essas condições bastante específicas de sua emergência. As “Teses” foram consideradas uma espécie de documento de fundação atemporal de uma nova ciência chamada “materialismo histórico” (um termo, aliás, nunca utilizado por Marx). Devido a essa recepção distorcida, o significado muito concreto de termos como “filosofia” – que significava principalmente a filosofia dos jovens hegelianos – foi totalmente generalizado. O que consistia numa intenção de atingir alguns dos assim chamados jovens hegelianos que acreditavam que, com uma nova interpretação do mundo, sua transformação viria quase automaticamente, foi transformado numa proposição atemporal. E essa proposição atemporal fez carreira em muitos grupos de esquerda e partidos comunistas. Muitos dirigentes partidários tacanhos, quando confrontados com uma crítica da análise ou da política de seu partido, não debatiam de fato o conteúdo dessa crítica, mas lançavam contra seus críticos a 11ª Tese: “nós não queremos interpretar o mundo, queremos transformá-lo”. Para um marxismo autoritário, esse uso deveras estúpido da 11ª tese era a arma perfeita para dar um fim abrupto a qualquer discussão inconveniente.

TORRE: Qual é a relação teórica da *Neue Marx Lektüre* com a MEGA2? Pode-se dizer que ela possibilitou novas leituras da obra de Marx para além das diversas revisões que o marxismo já vinha sofrendo desde os anos de 1960 com Althusser e seus discípulos, o *operaísmo* e a *New Left*, por exemplo?

HEINRICH: A publicação da MEGA2 começou em 1975 e foram necessários seis ou sete anos para lançar os primeiros dez volumes dos 114 planejados. Demorou para que a MEGA2 pudesse ter alguma influência. As “novas leituras” da década de 1960 partiram de algumas questões filosóficas ou políticas, que iluminaram novos aspectos dos escritos de Marx, como o estruturalismo na leitura de Althusser ou o *operaísmo* na leitura de Tronti. Com a MEGA2 foi diferente, não se tratava de uma nova questão que levava a uma nova leitura, mas consistia num novo tratamento dos textos. Antes da MEGA2 (às vezes ainda hoje), muitos marxistas tratavam os textos de Marx como obras definitivas, completas e um tanto quanto atemporais, que deveriam simplesmente ser entendidas e interpretadas da maneira correta. A MEGA2 destruiu essa visão simplista. Os manuscritos inéditos foram apresentados com todas as exclusões e inserções feitas por Marx e sem qualquer tentativa de apresentar, por meio de intervenções editoriais (reordenamento, reformulações, inserção de subtítulos etc.), um trabalho quase concluído, como fizeram muitas edições antes da MEGA2. Ficou claro que os manuscritos revelavam um *work in progress* fragmentário e inconcluso, que inclui uma série de ambiguidades. Mas isso não é verdade apenas para os manuscritos inéditos. Tomemos o primeiro volume de *O capital*, por exemplo. A MEGA2 apresenta seis versões diferentes do volume 1: as duas primeiras edições alemãs publicadas por Marx; a primeira tradução francesa corrigida e – comparada com as edições alemãs – consideravelmente modificada por Marx; além disso, a terceira e quarta edições alemãs disponibilizadas por Engels e a primeira tradução para o inglês corrigida por Engels. Nestas últimas três edições, Engels tentou combinar a segunda edição alemã com algumas (mas não todas) das alterações da tradução francesa. As seis versões são diferentes e não é possível escolher a melhor entre elas e focar-se apenas nela. Isso significa que também o volume 1 é um *work in progress* e, como sabemos por meio de uma carta a Danielson de 1881, Marx planejou um rearranjo considerável do primeiro volume. Além disso, os cadernos de Marx aparecem completamente pela primeira vez na MEGA2. Eles permitem ver não apenas os múltiplos campos de pesquisa de Marx, mas também os passos e o desenvolvimento de sua pesquisa. Junto com as cartas, esses cadernos revelam um indivíduo em aprendizado permanente, alguém que também questiona impiedosamente seus próprios resultados. O modo como os textos de Marx e Engels são editados pela MEGA2 constitui uma arma importante contra qualquer forma de dogmatismo.

TORRE: Você insiste no caráter fragmentário e aberto da obra de Marx, uma espécie de *work in progress*, contra uma leitura sistêmica e fechada. Quais são as implicações dessa leitura? Nesse sentido, seria preciso insistir na desidealização da leitura da obra marxiana?

HEINRICH: Sem dúvida. Embora a obra de Marx tenha nos fornecido resultados importantes, temos que entendê-la principalmente como um programa de

pesquisa inacabado: inacabado não no sentido banal de que a realidade é infinita e, portanto, qualquer pesquisa é inacabada, mas inacabada no nível categorial. Trabalhar com a MEGA2 envolve uma leitura atenta, temos que nos ocupar com todas as versões e fragmentos, e fica claro que ela não é de modo algum um “sistema” completo e, além do mais, nunca pretendeu se tornar tal sistema.

Ademais, temos que historicizar a obra de Marx. Não de maneira superficial, no entanto, como é feito por vários críticos de Marx, que somente enfatizam como Marx é um pensador do século XIX e concluem que ele não pode contribuir com nada para a análise das condições atuais. Tal historicização simplificada negligencia totalmente o caráter do século XIX, ou seja, o século que pariu as condições econômicas, políticas e sociais da vida “moderna”. A propósito, com o fito de enfatizar esse ponto, para minha biografia de Marx, escolhi o título *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna*. Marx foi uma testemunha desse processo de parto e esteve envolvido como jornalista e ativista político nas discussões e ações daquele período e esse lado ativista da sua vida influenciou igualmente a sua análise teórica. Temos que reinserir o trabalho de Marx nessas condições para compreender melhor seu processo de pesquisa e o programa de pesquisa que ele deixou. Também para isso a MEGA2 ajuda muito, porque, no anexo [Apparat] que acompanha cada volume de texto, ela tenta fornecer todas as fontes de Marx (incluindo fontes nem sempre mencionadas por ele) e sugerir as principais discussões nas quais Marx estava envolvido.

TORRE: Você comenta que a MEGA2 mostra o processo de trabalho de Marx, bem como as ambiguidades de sua trajetória teórica. Uma dessas ambiguidades diz respeito à presença de dois discursos sobrepostos e de certo modo antagônicos na obra do Marx: o rompimento com a economia política clássica e uma análise ainda imersa dentro desse campo. Quais são as implicações disso para as leituras de *O capital* daqui em diante?

HEINRICH: Analisar essas ambiguidades foi a principal tarefa que busquei solucionar em *Ciência do valor*. A crítica de Marx à economia política é, por um lado, uma revolução científica, um rompimento com o campo teórico da economia política (não apenas no campo dos clássicos, mas também no campo da teoria neoclássica, conforme demonstrei). Por outro lado, Marx permanece em alguns pontos atado a esse velho campo que ele basicamente superou. É possível encontrar tais ambiguidades também em outras pessoas que fizeram revoluções científicas como, por exemplo, Galileu Galilei: a sua “nova física” rompeu com o campo da filosofia medieval e, contudo, em alguns pontos específicos, ele ainda ficou preso às noções desse campo. Quando lemos *O capital*, precisamos ter clareza a respeito da existência desses dois discursos. Quando se discutem diferentes interpretações da teoria do valor de Marx, por exemplo, pode acontecer de duas interpretações estarem amparadas no texto de Marx. Frequentemente o caso não é tão fácil a ponto de podermos dizer que uma dessas interpretações simplesmente se assenta numa má

compreensão. Algumas vezes é possível encontrar proposições e citações no texto de Marx que amparam duas interpretações contraditórias. Não é possível, então, apenas contar as citações a favor de cada interpretação como gols numa partida de futebol. É preciso seguir de maneira cautelosa a linha de pensamento de Marx, ver no que consiste sua revolução científica e o que é somente um resquício do velho campo, que Marx basicamente superou. Tentei mostrar que diversos problemas que foram discutidos por muito tempo, como o famoso “problema da transformação” (a transformação dos valores em preços de produção, discutida por Marx no volume 3), emergem apenas por conta da intersecção de dois discursos na crítica de Marx à economia política.

TORRE: A MEGA2, de acordo com a sua leitura, lança nova luz na teoria da crise. Esse é um aspecto controverso da sua interpretação. Você poderia comentar isso?

HEINRICH: Foi na MEGA2, no começo dos anos 1990, que o manuscrito original do volume 3 de *O capital* apareceu pela primeira vez. Podíamos agora comparar a edição de Engels com o original. Engels fez o melhor que pôde para publicar um livro legível. A edição feita por ele, entretanto, às vezes coloca as coisas de modo diverso do que encontramos no manuscrito original. Um exemplo disso é a teoria das crises. A principal discussão da teoria das crises encontra-se no capítulo 5, do volume 3. Ela precede a discussão da “Lei da queda tendencial da taxa de lucro” desenvolvida nos capítulos 13 e 14. O título do capítulo 15, “Desenvolvimento das contradições internas da lei”, dá a impressão de que a teoria das crises depende imediatamente da lei da taxa de lucro. Mas esse título não é da autoria de Marx, mas de Engels. No manuscrito original, os capítulos 13, 14 e 15 da edição de Engels formam um só extenso capítulo sem nenhuma subdivisão e sem subtítulos; os títulos dos capítulos individuais e subcapítulos são todos de Engels. Enquanto os capítulos 13 e 14 seguem de perto o manuscrito de Marx e os títulos desses capítulos representam bem seu conteúdo, o caso do capítulo 15 é diferente. Engels reordenou o material, apagou algumas partes e fez várias reformulações. O que no manuscrito de Marx era um conjunto de comentários, anotados para uso posterior, no qual não ficava claro onde eles deveriam ser usados, Engels tentou nos fornecer uma argumentação mais ou menos coerente, que foi lida posteriormente como a teoria das crises de Marx. E, com o título problemático do capítulo 15, ele conectou essa construção com a lei da taxa de lucro.

Ainda que deixemos de lado os problemas da edição de Engels, há um grande problema no que se refere à nossa recepção da teoria das crises de Marx. As fontes mais extensas são os comentários há pouco mencionados no capítulo 15 e os comentários na segunda parte de “Teorias da mais-valia”, em que Marx discute a teoria da acumulação de Ricardo. Essa parte das “Teorias” foi escrita por volta de 1862; o manuscrito para o volume 3 de *O capital* foi escrito entre 1864 e 1865. Isso significa que as fontes usadas principalmente para discutir a teoria das crises

de Marx vêm da primeira metade da década de 1860. No entanto, o processo de pesquisa de Marx continuou. Já em 1866, ele pôde observar um novo tipo de crise na Inglaterra. Ele ficou tão impressionado com essa crise que chegou a fazer alguns comentários sobre ela no volume 1 de *O capital*, que ele preparava para impressão. Depois de terminar o volume 1, inaugurou um caderno com o material sobre essa crise de 1866. E porque considerava o caráter majoritariamente financeiro dessa crise como uma nova característica, ele começou outro caderno com pesquisas sobre o mercado do dinheiro. Marx reconheceu, obviamente, que deveria considerar a conexão entre a crise, os bancos e o mercado de dinheiro de maneira muito mais atenta do que havia feito antes. Também durante a década de 1870, Marx descobriu novos aspectos. O que podemos ler nos textos da década de 1860 está longe de consistir nas últimas palavras de Marx a respeito da teoria das crises.

Ademais, a partir de alguns manuscritos do final da década de 1860 e de 1870, entrementes publicados na MEGA2, eu concluí que, depois de 1868, o próprio Marx tinha dúvidas a respeito da sua “Lei da queda tendencial da taxa de lucro” (essa discussão está incluída num artigo intitulado “*O Capital* depois da MEGA” que está disponível em português no livro *O capital de Karl Marx, 150 anos depois* organizado por Carlos Bastien e João Vasco Fagundes).

TORRE: A sua biografia de Marx baseia-se na sua experiência de pesquisa na MEGA2. Como você acha que isso contribuiu para uma configuração da experiência intelectual de Marx que não era acessível a outros biógrafos?

HEINRICH: Em muitas das biografias de Marx, sua obra aparece apenas de forma marginal. Os biógrafos enfatizam a sua vida, e seus trabalhos são tratados como uma espécie de pano de fundo e frequentemente com um viés típico: os marxistas acentuam os grandes feitos, enquanto os críticos do marxismo sublinham as deficiências das obras e julgam que elas não têm nenhuma serventia para o presente. Poucos biógrafos tentaram realmente se ocupar das obras com um pouco mais de profundidade. Ao contrário da maior parte das biografias, que se debruçam sobre a vida de Marx sem dar muita atenção ao seu trabalho, eu defendo que não podemos abordar a vida de Marx sem os seus trabalhos, nem o desenvolvimento de seus trabalhos sem considerar os conflitos da sua vida. Por quê? De um lado, porque os *insights* dos seus trabalhos mudavam suas perspectivas políticas e influenciavam sua relação com antigos amigos e aliados; o resultado dos seus trabalhos tinha um impacto na sua vida. De outro, sua vida também influenciava o desenvolvimento do seu trabalho tanto no sentido simples de que as condições de vida tinham efeito sobre as suas possibilidades para o trabalho teórico, quanto num sentido menos simples, de que os conflitos políticos nos quais estava inserido impunham a ele a necessidade de fazer determinadas pesquisas. Novos temas surgiram não apenas de questões teóricas, mas também do seu compromisso prático, que às vezes mudava a rota dos seus estudos. Levando tudo

isso em conta, fica claro, então, que restringir o foco ao Marx cientista, teórico, seria muito limitado. Também temos que ter em conta Marx, o jornalista político, que não só contribuía com artigos, mas também fundava jornais ou influenciava o curso dos jornais existentes; e além disso, temos de considerar Marx, o ativista revolucionário, que era um membro de liderança em diversas organizações políticas. E aqui a MEGA2 entra em cena. Essa edição trata com a mesma diligência todos os textos, tanto os trabalhos científicos quanto os artigos de jornal ou os cadernos. Para obter uma imagem completa de Marx, precisamos dessa edição completa. Ademais, já mencionei isso anteriormente, a MEGA2 aborda a obra de Marx e Engels não como algo acabado, mas como um processo constante de mudança e de aprendizado e insere-a em seu contexto histórico. Posso dizer que, de certo modo, sem a MEGA2, eu não poderia fazer o tipo de biografia de Marx que estou tentando escrever. E mais: eu acho que é apenas esse tipo de biografia que pode alegar estar num nível científico que seja apropriado ao da MEGA2. Mas tal projeto também tem seu “preço”: de um lado, a enorme extensão de quatro volumes e, de outro, a necessidade de um processo de pesquisa de longa duração, pelo qual eu não esperava quando comecei há dez anos.

TORRE: Você diz no prefácio do livro que a visão que você tinha de Marx foi mudando no decorrer da escrita da biografia e esse projeto ainda está em curso. O que mudou?

HEINRICH: Além de vários detalhes, existem ao menos duas grandes questões. Como diversos outros leitores, eu, por muito tempo, tomei como certos os pequenos comentários autobiográficos no “Prefácio” de 1859, no qual Marx nos contou ter estudado direito de maneira formal, mas se debruçou mais sobre a filosofia e a história e depois passou da política à economia política. Hoje em dia eu diria que essa descrição é muito enviesada. Em 1859, Marx apresentou a primeira parte de um grande trabalho econômico, mas o público não o conhecia como um economista. Então ele fez como todos nós fazemos quando postulamos um novo trabalho: apresentamos nosso currículo de um modo que faz com que pareçamos ser o candidato perfeito para esse cargo. Logo o primeiro ponto da autodescrição, no qual ele diminui o papel dos seus estudos na jurisprudência, está definitivamente incorreto. Conforme demonstro no primeiro volume de minha biografia, o estudo de Marx do direito era bastante sério e, como podemos notar em muitos artigos posteriores, esse conhecimento também influenciou seus escritos. Mais importante, contudo, é a visão disseminada (da qual compartilhei no passado), também incorreta, de que a partir de 1858, Marx teria lidado de modo científico quase que exclusivamente com a economia política. É verdade que ele não conseguiu escrever o seu livro planejado sobre o Estado. No entanto, além da crítica à economia política, a crítica ao Estado e à política era uma questão constante para ele. Podemos observar isso não só nos dois livros bastante conhecidos desse período, *Dezoito de Brumário* (1852) e *Guerra Civil na França* (1871),

mas também em muitos artigos de jornal a respeito de questões políticas, que são com frequência negligenciados. Nesses artigos, Marx lidava com temas políticos concretos, mas frequentemente os inseria num quadro mais amplo, o que nos dá pistas sobre sua crítica da política. Marx nunca se ocupava com apenas um campo do conhecimento, ele sempre atuava simultaneamente em dois, três ou até mais campos, dentre eles: economia, política, história, ciências naturais, tecnologia, mas também literatura e matemática. Mesmo se você só estiver interessado no Marx crítico da economia política, você deve ter em mente seus múltiplos interesses, na medida em que eles também influenciaram seus escritos econômicos.

A segunda questão é derivada da primeira. No século XX, houve um longo debate sobre o desenvolvimento intelectual de Marx: se houve um desenvolvimento contínuo desde 1843-1844 até *O capital*, ou se há uma ruptura abrupta entre o jovem Marx (filosófico) e o Marx maduro (econômico). No passado, eu defendia a segunda posição. Atualmente, acho que as duas posições são insuficientes. No que se refere aos rompimentos e mudanças categoriais que podemos observar no desenvolvimento intelectual de Marx, parece um pouco absurda a tese de um desenvolvimento e de uma ampliação contínuos de conceitos que Marx encontrara muito cedo. Contudo, os vários rompimentos que podemos encontrar em campos e períodos diversos não podem ser reduzidos a uma grande ruptura entre o jovem Marx e o Marx maduro. É verdade que há uma ruptura séria em 1845-1846 e que Marx se distancia do ser da espécie humana, mas mais e outras rupturas se seguiram e às vezes velhos temas retornavam, mas num enquadramento totalmente novo. Em suma, o desenvolvimento intelectual de Marx é muito mais complexo – e também muito mais interessante – do que as duas visões tradicionais opostas podem nos dizer.

TORRE: Um elemento muito original da sua biografia diz respeito à interpretação da razão pela qual Marx abandonou suas intenções de se tornar poeta, escritor. A maior parte das biografias insistia que isso foi resultado do reconhecimento de Marx de que ele não tinha talento. Você sugere que essa desistência tem a ver com a leitura que Marx fez da estética de Hegel e da sua *Fenomenologia do espírito* nesse período e com a crítica ao romantismo presente nesses livros. Seria possível defender que a leitura de Hegel marcaria, nesse sentido, a primeira virada materialista de Marx?

HEINRICH: Que Marx deixou de escrever poesia porque chegou à conclusão de que não tinha talento é uma lenda, que remete a Franz Mehring, o primeiro biógrafo sério de Marx. Mehring enxergava apenas o lado reacionário do romantismo e, por isso, queria destacar que o contato de Marx com o romantismo foi algo meramente superficial. Hoje em dia, podemos enxergar muito melhor do que Mehring que não havia apenas um romantismo tardio reacionário, mas que o romantismo, em seus primórdios, tinha aspectos progressistas e Marx se inclinava muito mais na direção dos motivos desse último. Na famosa carta de novembro

de 1837 a seu pai, Marx criticava sua própria poesia como “idealista” porque ela contrapunha o que deveria ser e o que era, não havia nenhuma menção à sua falta de talento nessa crítica. O tipo de crítica que Marx mobilizava era, contudo, muito próxima à crítica de Hegel à “bela alma”, que podemos encontrar tanto na sua *Fenomenologia*, quanto na introdução dos seus cursos sobre *Estética*. Sabe-se com certeza que Marx queria ler essa obra nesse período. E muito provavelmente ele leu partes da *Fenomenologia*, uma obra muito conhecida de Hegel. Em resumo, minha tese é que Marx leu essa crítica e foi abalado por ela. Acredito que no seu diálogo perdido, *Cleanthes* (que ele menciona numa carta ao pai), ele tentou superar essa crítica com a ajuda das filosofias de Schelling e de Solger – e falhou. *Cleanthes*, como ele disse nessa carta, aproximou-o de Hegel. Nessa medida, acredito que criticar a própria poesia e fazer a transição para a filosofia hegeliana foi o mesmo processo.

Se a sua transição para Hegel consistiu na primeira virada materialista de Marx, é uma boa pergunta. Ela deixa claro que não devemos dar como certos termos, como materialismo ou idealismo. Na época de Hegel não seria muito plausível tomá-lo como representante do idealismo alemão. Eu consultei duas enciclopédias alemãs da década de 1840 e as duas insistem que, enquanto Kant e Fichte foram idealistas, Hegel e Schelling com certeza não o foram. O que na maioria das vezes é visto atualmente como um antagonismo entre “idealismo” e “materialismo” é uma construção da segunda metade do século XIX. Ela se baseia numa simplificação excessiva e não ajuda a entender muita coisa, especialmente a relação inicial entre as filosofias de Marx e de Hegel. Em quais aspectos Marx se tornou um materialista e em quais aspectos Hegel era ou não idealista, eu discutirei no segundo volume da biografia.

TORRE: Você contesta a ruptura da escola hegeliana entre velhos e novos hegelianos. Qual é a importância disso para a compreensão do ambiente intelectual no qual se formou Marx?

HEINRICH: Houve uma dissolução da Escola hegeliana no final da década de 1830, mas a questão foi mais complicada do que a dissolução em duas vertentes opostas. Havia linhas distintas ao longo das quais houve uma cisão – religiosa, de um lado, e política, de outro – e o desenvolvimento disso foi muito rápido. Pessoas como Bruno Bauer, por exemplo, mudaram bastante rápido de lado e também o desdobramento das abordagens teóricas aconteceu rapidamente. Foi de fato uma dissolução, e não o simples desdobramento de uma escola em duas vertentes distintas. Além disso, o envolvimento de Marx nesse processo começou num momento bastante tardio e ele manteve certa distância, como podemos observar já na sua tese. O que eu diria hoje, ao contrário das minhas declarações passadas, é que é um reducionismo exagerado considerar que Marx foi durante vários anos um “jovem hegeliano”.

TORRE: Que novidades podemos esperar nos próximos volumes da biografia de Marx?

HEINRICH: Para mim essa biografia é de fato um projeto de pesquisa e até agora ele não está acabado. Eu já fiz uma série de estudos parciais, é claro. Mas colocá-los juntos e conferir algumas questões adicionais sempre lança nova luz aos temas que se tomava como bem conhecidos. Até agora eu tenho tido cautela em anunciar certas novidades. Posso dizer, contudo, que não tomarei nada como certo. Por exemplo, no que refere à relação de Marx com Bakunin, temos duas histórias bastante contraditórias, aquela contada pelos marxistas, e outra contada pelos anarquistas. Creio que nem os marxistas nem os anarquistas vão gostar da história que contarei a respeito dessa relação.

Palavras-chave: Marx; MEGA2; Nova leitura de Marx; Biografia de Marx; Economia Política.

Keywords: Marx; MEGA2; New Reading of Marx; Marx's biography; Political Economy.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

**A evolução da teoria da
crise em Marx**

Francisco Paulo Cipolla

O dinheiro como mercadoria

Claus Germer

**Origens do
modernismo alternativo**

David Craven

O volume 4.3 da MEGA

Jorge Grespan

**O lulismo como bonapartismo: uma
crítica às teses de André Singer**

Armando Boito Jr.

37